

O ENSINO-APRENDIZAGEM NA ESCOLA FRENTE AO FASCÍNIO JUVENIL PELAS NOVAS TECNOLOGIAS

Jonas Marques da Penha

Estado da Paraíba – Secretaria de Educação

E-mail:<jonas.marques@hotmail.com>

Rucélia Patricia da Silva Marques

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

E-mail:<ruceliamarques@hotmail.com>

Resumo

Este artigo trata da análise e interpretação de dados, resultados, de uma pesquisa realizada numa escola pública da Zona Sul da cidade de Campina Grande-PB com alunos oriundos da comunidade circunvizinha na faixa etária de 11 a 16 anos, estudantes do 6º ao 9º Ano. O projeto de pesquisa surgiu da necessidade de conhecer o contexto das relações entre alunos, novas tecnologias, espaço escolar e práticas docentes. Buscou-se traçar o perfil dos alunos quanto ao uso de novas tecnologias, internet; elencar a disponibilidade de recursos didáticos na escola; analisar a prática docente frente aos recursos didáticos inovadores. Para tanto se fez necessário revisão bibliográfica, acerca de educação e áreas afins; pesquisa “*in loco*”, aplicação de questionários de forma aleatória; análise qualiquantitativa dos dados e; representação em gráficos. Acorando-se a luz do pensamento de Moran, 2004; Prensk, 2001; Kimura, 2008 e; outros. O uso de novas tecnologias tem exercido grande influência e representatividade no cotidiano do alunado, e tem sido negligenciado ou pouco aproveitado no espaço escolar.

Palavras-chave: Novas tecnologias. Práticas docentes. Espaço escolar.

THE ENSINO-APRENDIZAGEM IN THE SCHOOL FRONT TO THE YOUTHFUL ALLURE FOR THE NEW TECHNOLOGIES

Abstract

This article deals with analyzes and interpretation of data, resulted, of a research carried through in a public school of the South Zone of the city of Campina Great with deriving pupils of the surrounding community in the etária band of 11 the 16 years, students of 6° to 9° Year. The research project appeared of the necessity to know the context of the relations between pupils, new technologies, pertaining to school space and practical professors. One searched to trace the profile of the pupils how much to the use of new technologies, Internet; to elencar the availability of didactic resources in the school; to analyze the practical professor front to the innovative didactic resources. For in such a way necessary bibliographical revision became, concerning similar education and areas; research “*in I lease*”, application of questionnaires of random form; it analyzes qualiquantitativa of data e; representation in graphs. Anchoring it light of the thought of Moran, 2004; Prensk, 2001; Kimura, 2008 e; others. The use of new technologies has exerted great influences and representation in the daily one of the alunado one, and has been neglected or little used to advantage in the pertaining to school space.

Keywords: New technologies. Practical professors. Pertaining to school space.

Introdução

A educação é um tema que deve esta sempre em pauta, principalmente, para quem tem essa área como profissão. O espaço escolar é um campo minado de informações, nele reflete as necessidades de constantes adequações para atender a demanda de exigências do seu público. Neste artigo procurou-se explorar cientificamente tal espaço. Busca-se analisar e interpretar os dados, resultados, de uma pesquisa realizada numa escola pública da Zona Sul da cidade de Campina Grande-PB, com alunos na faixa etária entre 11 e 16 anos, residentes na comunidade circunvizinha a escola e estudantes do 6° ao 9° ano do Ensino Fundamental.

O projeto de pesquisa surgiu da necessidade de conhecer o contexto das relações entre alunos, espaço escolar, práticas docentes e as novas tecnologias.

Buscou-se traçar o perfil dos alunos quanto ao uso de novas tecnologias, internet; freqüência e finalidade dos acessos; e disponibilidade no cotidiano. Elencar a disponibilidade de recursos didáticos, na escola; e analisar a prática docente frente à



utilização de recursos didáticos inovadores. Para tanto se fez necessário revisões bibliográficas, a cerca de teorias da educação e áreas afins.

Segundo Teruya et al (2013),

Utilizar a mídia no espaço escolar, como mediadora para produção de conhecimento ou como suporte para apresentação de eventos sociais, políticos, culturais, físicos e mentais são duas das muitas possibilidades para se articular os usos da mídia e seus produtos para o processo de ensino e aprendizagem (ibidem, p.80).

A juventude tem se adequado ou absorvido, principalmente em relação ao entretenimento, cada vez mais rápido a velocidade de informações característica do período Técnico-científico-informacional. Nesse contexto “Conhecer a organização do espaço escolar e as relações entre os sujeitos é uma necessidade, na medida em que a aula não é um acontecimento isolado de uma sala, mas está inserida no espaço social de uma instituição de ensino” (SATO; FORNEL, 2010, p. 53). O espaço escolar apresenta-se como um laboratório de análise contínuo.

O uso de novas tecnologias tem exercido grande influência e representatividade no cotidiano do alunado, e tem sido negligenciado ou pouco aproveitado no espaço escolar.

Metodologia

Este trabalho trata da análise de dados de uma pesquisa, *in loco*, junto a discentes do ensino fundamental. Tendo como amostragem 86 alunos, cerca de 20% do contingente da escola. Foi aplicado, de forma aleatória, um questionário contendo 07 questões objetivas, o que nos permitiu a análise qualitativa e quantitativa dos dados, a partir de discussões, embasamento teórico e representações gráficas.

As análises e discussões transcorreram a luz do pensamento de Moran (2004); Prensk (2001) e; Kimura (2008).

Análise dos resultados

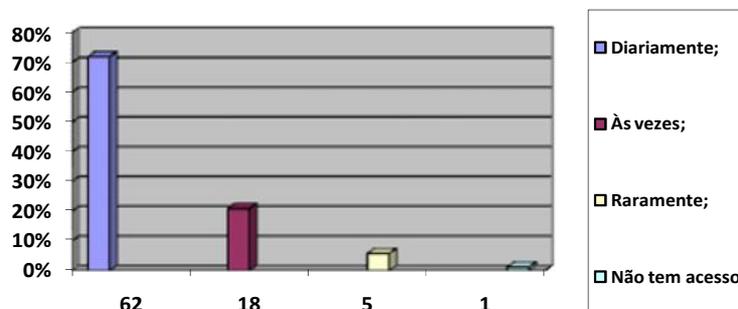
A escola contemporânea tem dificuldades em acompanhar o ritmo evolutivo da tecnologia e se adequar as múltiplas identidades e identificações do alunado, principalmente dos jovens. Nesse sentido, o foco desta pesquisa foi investigar as relações entre os discentes e as novas tecnologias, de forma a utilizar esta relação para a dinamização do ensino de Geografia, tomando como âncora a categoria lugar.

Tendo em vista que hoje, direta ou indiretamente os alunos têm cotidianamente contato, fora do âmbito escolar, com algum tipo de mídia, as chamadas novas tecnologias e fazem uso destas, muitas vezes, indiscriminadamente ou meramente como entretenimento, acredita-se que tais recursos poderiam ser melhor explorados no ensino-aprendizagem, aproveitando o fascínio pré-existente e, até mesmo, o domínio da técnica - habilidade de manuseio dos estudantes.

Entretanto, verifica-se que Kimura (2008. p. 58) tem razão quando afirma que “não se presta atenção no aluno como protagonista, ator do processo de aprendizagem e de pensamento.”. Já Prensky (2001) se refere ao alunado como “*nativos digitais*”, habitualmente detêm com maiores facilidades o avanço tecnológico, e os professores como “*imigrantes digitais*”, frutos de outra geração.

Em pesquisa *in loco* constatou-se que apenas 1,2% dos alunos não tem acesso a *internet*, enquanto que 72% acessam diariamente, conforme Gráfico 01.

Gráfico - 01: Frequência de uso da internet pelos alunos



Os dados do Gráfico - 01 confirma que se trata, realmente, de uma geração digital, entretanto também foi possível verificar que essa acessibilidade não tem sido orientada pelos professores (as), em aulas, como 31,4% dos discentes gostariam que acontecesse. O alunado afirma que 41,8% dos docentes nunca usam a informática (*internet*) em suas aulas, sendo um recurso utilizado, em sala de aula, esporadicamente por 51,2% do corpo docente.

Os dados do Gráfico 01 são complementados pelas informações dispostas no Quadro 02, referentes ao principal local de acesso à internet pelos alunos.

Quadro – 02: Dos locais de acesso a internet pelos alunos.

LOCAL DE ACESSO	Nº DE ALUNOS	%
EM CASA	71	82,5%
OUTROS LOCAIS	17	19,8%
CASA DE AMIGOS	14	16,3%
ESCOLA	11	12,8%
LAN HOUSE	08	9,3%
NÃO TEM ACESSO	01	1,2%

Elaborado por Jonas Marques da Penha, a partir de pesquisa, *in loco*, com alunos (2013).

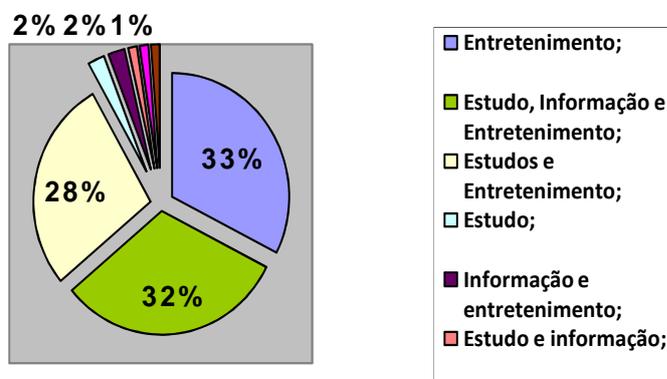
Apenas 12,8% dos alunos afirmaram que acessam a internet na escola. Se considerarmos que na escola não tem rede *Wi-Fi* para exploração desse recurso, e que o uso do laboratório de informática, pelos professores, segundo os alunos, (*ver gráfico – 03*) ocorre raramente ou nunca, pode-se ver esses acessos como possíveis problemas, na medida em que acontecem do celular, de forma indiscriminada e descontextualizada com as intencionalidades da sala de aula, comprometendo a concentração e, conseqüentemente, o aprendizado dos conteúdos que estão sendo trabalhados nas disciplinas.

Observa-se entre os estudantes que o número de acessos a *internet* a partir de ferramentas existentes em seus lares é grande, 82,5%, um alerta para rever a prática docente e de inserir atividades condizentes com a realidade do público alvo. O Gráfico



02 apresenta resultados da supracitada pesquisa, *in loco*, destacando como é utilizado pelos alunos, o espaço virtual, na *internet*.

Gráfico - 02: Uso da internet pelos alunos.



Fonte: Pesquisa, *in loco*, com alunos da E. E. E. F. Maria Emilia O. Almeida, 2013.

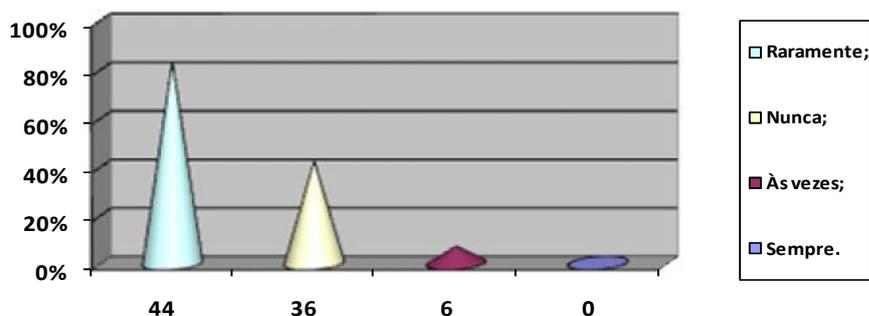
Como a maioria dos alunos utiliza a internet apenas para entretenimento e a escola não consegue fazer uso da ferramenta no cotidiano, infere-se que a mesma se apresenta como uma instituição que não atende aos anseios do público contemporâneo, conforme compreensão expressa por Abramovay e Castro (2003) apud Lemos (2009, p. 42), “os alunos têm expectativa de que a escola tenha condições mínimas de acesso às novas tecnologias de informação e comunicação e que sejam instrumentalizados para usá-las”. No entanto, se deparam com um contexto de ausência ou inoperância dos poucos recursos tecnológicos disponíveis e com aulas tradicionais e enfadonhas.

Questiona-se como fazer da escola um “lugar” para seus atores. Mesmo em uma escola que disponha de recursos como biblioteca, sala de vídeo, projetores e computadores com acesso à internet, como é o caso da escola em foco, há inversões do que é utilizado pelos professores em relação ao que os alunos gostariam que fosse trabalhado nas aulas.

Segundo os questionados, a prática dos professores é justamente o oposto do que eles esperam nas aulas. O trabalho com o livro didático, por exemplo, aparece na pesquisa como última opção dos alunos, com apenas 8,1% das sugestões de aulas, em contrapartida, obteve 90,7% afirmações de que a utilização dessa prática, pelos professores, ocorre frequentemente.

Já a sugestão de aulas com computadores e internet foi feita por 31,4% dos alunos, ao passo que foi mencionado por 41,8% dos estudantes que este tipo de aula nunca foi realizado em sala de aula pelos professores. Observando-se o Gráfico – 3, fica confirmado o pouco uso da internet como recurso didático, cerca de 93% dos professores nunca utilizou ou raramente utiliza tal ferramenta na dinâmica de suas aulas.

Gráfico - 03: O uso, pelos professores (as), de computadores e internet em suas aulas, segundo alunos entrevistados.



Fonte: Pesquisa, *in loco*, com alunos da E. E. E. F. Maria Emilia O. Almeida, 2013.

É importante lembrar que os professores não foram questionados quanto aos motivos dessa ausência e não se pretendem, no momento, adentrar a este mérito, a análise limita-se aos questionamentos respondidos pelos discentes.

Segundo Moran (2004, p. 2), “hoje, com a internet e a fantástica evolução tecnológica, podemos aprender de muitas formas, em lugares diferentes e de formas diferentes. A sociedade como um todo é um espaço privilegiado de aprendizagem”. O



professor, neste contexto, deve deixar de ser "o informador" e passar a ser um articulador de aprendizagens significativas.

Não se deve atribuir os problemas ou os possíveis méritos da educação só e exclusivamente ao professor, assim como, nessa profissão, não se podem ignorar os adventos da sociedade, pois é nela e dela que emergem os principais atores da escola, os alunos. “Algumas teorias pedagógicas, chamadas delicadamente por vários educadores de otimistas, destinam ao trabalho do professor uma tarefa de agente transformador da sociedade numa versão salvacionista, como se ele fosse até onipotente.” (KIMURA, 2008, p. 55). Deve-se sim ter potencial para surpreender, mas isso não os coloca no patamar de super heróis, que podem tudo, retirando as responsabilidades de outrem.

O uso de novas tecnologias não exclui as aulas de campo, mas minimiza a dependência de ter que se ausentar do espaço escolar, principalmente quando a escola não dispõe de pessoal para o apoio necessário. Nesse contexto, as observações *in loco* ocorreram em um único momento, no entanto, foram previamente planejadas e a área virtualmente explorada.

Conclusão

A compreensão do contexto escolar é complexa, depende da análise de uma série de variáveis, não se pode afirmar negligências unilaterais.

A escola enquanto produto das relações socioculturais ideológicas não pode ser estudada isoladamente de sua estrutura formadora, isto é, do modo de produção dominante, que a contém como instância e da qual ela é contida, uma vez que o processo educacional, de certa forma, reproduz por intermédio dessas práticas pedagógicas educacionais implicitamente intenções arraigadas, toda uma estrutura de classes sociais e de controle.

Esse trabalho relata dificuldades do desprendimento, por parte de profissionais da educação, dos modelos clássicos de ensino. As novas tecnologias, por estar inseridas

direta ou indiretamente no cotidiano do alunado, deve ser explorada em sala de aula como recurso didático para aproximar os indivíduos aos conteúdos propostos.

A internet, por exemplo, é um bombardeio de informações, no entanto, o acesso alheio a objetivos concretos não repercutem em conhecimentos significativos. Entendemos que o professor pode e deve ser o elo na seleção e organização de pesquisas e interação com esse veículo em prol da construção do conhecimento.

Verificou-se que tem havido mudanças no discurso teórico-acadêmico e no currículo escolar, mas os métodos didático-pedagógicos aplicados não mudaram muito, há sim a reprodução de um modelo primitivo de ensino, no entanto, pensamos que as mudanças não serão revolucionárias e sim gradativas.

O que se espera são mudanças no comportamento profissional que se desprendam da vaidade do saber tudo; das aulas de outrem e que os livros didáticos não se transformem nos únicos recursos didáticos, pois já vimos quanto às aulas ficam monótonas, desinteressantes e enfadonhas.

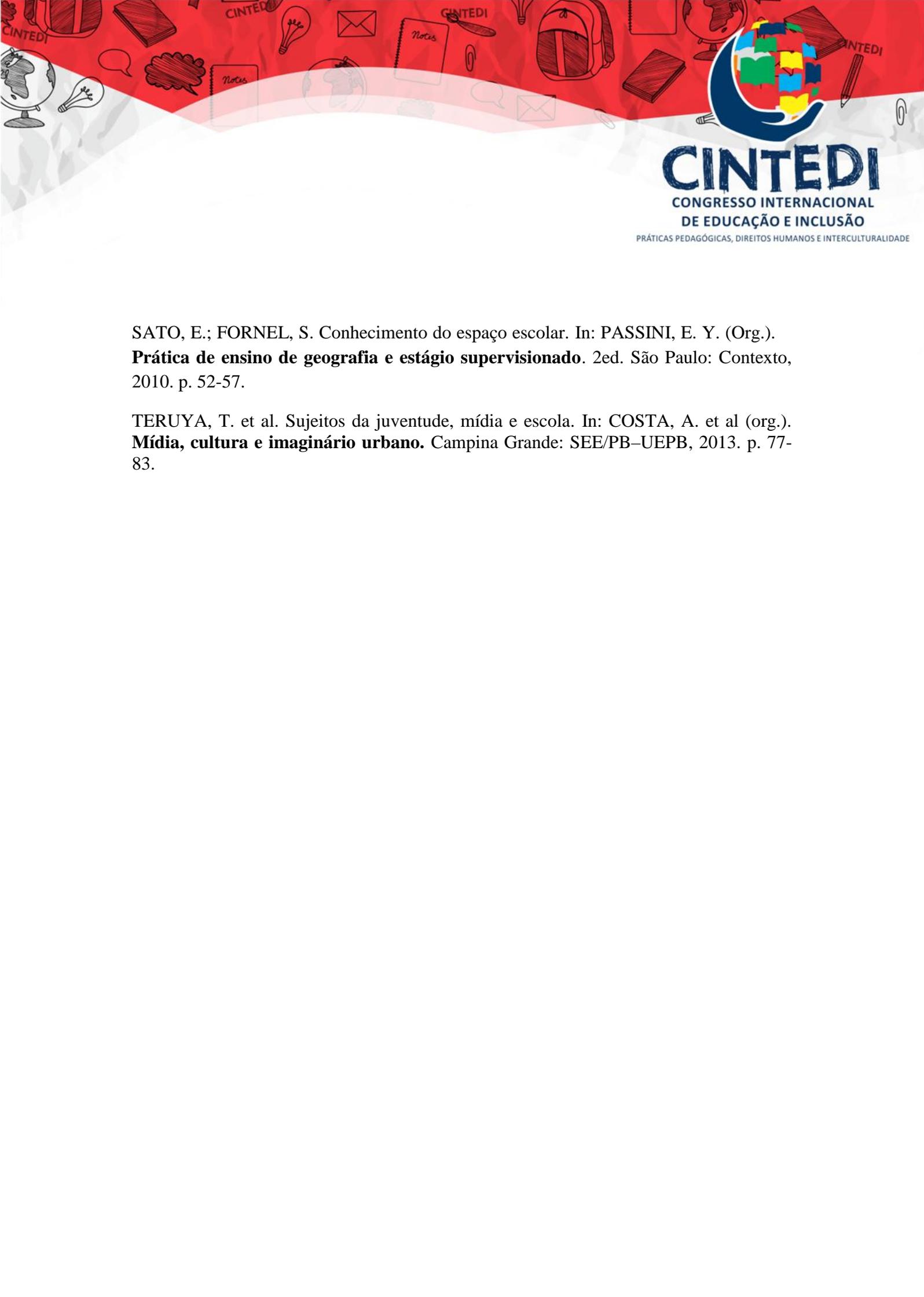
Referências

KIMURA, S. Faze-pensar: fonte do ensinar-aprender. In:_____. **Geografia do ensino básico: questões e propostas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 44-67.

LEMOS, S. **Nativos Digitais X Aprendizagens: Um Desafio Para A Escola**. (B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof., Rio de Janeiro, v. 35, n.3, set./dez. 2009), p. 38-47. Disponível em: <http://www.senac.br/BTS/353/artigo-04.pdf>>. Acesso em: 20 de dez. de 2013.

MORAN, José. **Os novos espaços de atuação do educador com tecnologias**. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/moran/espacos.htm>>. Acesso em: 02 de nov. 13.

PRENSKY, Marc. **Nativos Digitais, Imigrantes Digitais**. Disponível em:<<http://poetadasmoreninhas.pbworks.com/w/file/attach/60222961/Premsky%20-%20Imigrantes%20e%20nativos%20digitais.pdf>>. Acesso em: 01 de nov. de 13.



SATO, E.; FORNEL, S. Conhecimento do espaço escolar. In: PASSINI, E. Y. (Org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 52-57.

TERUYA, T. et al. Sujeitos da juventude, mídia e escola. In: COSTA, A. et al (org.). **Mídia, cultura e imaginário urbano**. Campina Grande: SEE/PB–UEPB, 2013. p. 77-83.